

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Adejanira Gonçalves de Araújo Souza¹

Leandro Pereira Rodrigues²

RESUMO: Este trabalho relata uma oficina de práticas antirracistas realizada nas aulas de educação física com alunos do 6º ano de uma escola pública municipal em Melgaço, PA. O objetivo foi vivenciar experiências antirracistas e refletir sobre as contribuições dessas práticas no ambiente escolar. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando o Diário de Campo como técnica de coleta de dados, os quais foram analisados por meio da análise de conteúdo, seguindo os passos de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os resultados revelaram que os estudantes têm consciência do que é o racismo, porém as instituições pouco contribuem para combater essa problemática, já que os alunos desconheciam as práticas antirracistas. Concluiu-se que as práticas pedagógicas antirracistas são pouco trabalhadas na escola; que os alunos possuem uma percepção do que vem a ser racismo e que possuem uma compreensão distorcida do continente africano.

Palavras Chaves: Racismo, Práticas Pedagógicas Antirracistas.

1 INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas antirracistas no espaço escolar constituem o tema central do presente trabalho, uma vez que o racismo tem um impacto profundo na vida do povo negro. Através de estratégias que buscam oferecer igualdade racial e eliminar a discriminação, preconceito e opressão, as práticas antirracistas têm o potencial de criar um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso para todos os alunos. Dessa forma, tem a seguinte problemática: "Qual é o impacto das práticas antirracistas implementadas em turmas de 6º ano de uma escola pública?".

Nessa direção, tem-se as seguintes questões norteadoras. Quais são as principais práticas antirracistas implementadas nas turmas de 6º ano da escola pública e como elas são conduzidas. Qual é o impacto dessas práticas antirracistas na conscientização, atitudes e comportamentos dos estudantes em relação à igualdade racial e à promoção de um ambiente escolar inclusivo. Quais são os desafios enfrentados na implementação das práticas antirracistas em

¹ Licenciada em Educação Física pela UEPa. e-mail:adejaniraaraujo2222@gmail.com

² Licenciado em Educação Física pela UEPa. e-mail:_leandrop25r@gmail.com

turmas de 6º ano de uma escola pública e quais estratégias podem ser adotadas para superá-los.

O objetivo geral é realizar um relato de experiências de práticas antirracistas desenvolvidas em turmas de 6º ano, pertencente a uma escola pública localizada na cidade de Melgaço, situada na Ilha do Marajó. Para atingir tal propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Identificar o nível de conhecimento dos alunos acerca do tema do racismo; proporcionar vivências dos alunos de práticas antirracistas e a compreender a percepção dos alunos sobre o entendimento de práticas antirracistas.

O artigo discute o racismo, a discriminação e o papel da educação no combate a essas questões. Também aborda práticas pedagógicas para promover a igualdade racial e destaca a importância da conscientização e do diálogo como formas de formação e transformação social.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O racismo e a discriminação ainda persistem na nossa sociedade, e infelizmente essas questões se refletem de forma contundente na vida escolar. Para combater efetivamente o racismo, a educação desempenha um papel fundamental no âmbito escolar. Segundo José Vicente, doutor em Educação e reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, é necessário ir além do conhecimento da existência do racismo no Brasil; é preciso agir por meio de práticas pedagógicas, debater a problemática e investir em ações concretas para reverter essa situação (Vicente, 2018).

É essencial que as pessoas não se caleem ao testemunhar atos racistas, pois a omissão pode contribuir para o crescimento dessa problemática. Entre as diversas formas de combater o racismo, destacam-se as práticas pedagógicas antirracistas. Nesse contexto, é crucial que o discurso e a prática caminhem juntos, permitindo que as crianças tenham exemplos positivos para seguir no contexto educacional. Conforme citado pela filósofa e militante Angela Davis (2018), em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista e não se acomodar diante de atos racistas.

A escola, como um espaço de diversidade, é onde surgem as primeiras experiências de racismo, mas também é onde podemos mudar essa realidade. É fundamental que os professores estejam preparados para lidar com situações

de discriminação, exigindo formação e capacitação adequadas. Conforme afirmado por Farias (2014), a função da educação é transformar o aluno, permitindo que ele compreenda o mundo e se torne um agente de mudança.

Em 2003, foi sancionada a Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino da cultura e história afro-brasileira tanto na educação pública quanto na privada. É essencial debater esses temas para construirmos uma sociedade mais justa e livre de preconceito e desigualdade racial. Segundo o sociólogo brasileiro Fernandes (1989), a democracia só se tornará real quando a igualdade racial for efetiva em nosso país, eliminando a discriminação e a desigualdade racial.

No ambiente escolar, é comum ocorrerem desentendimentos que, muitas vezes, levam ao uso de palavras racistas, ofendendo as crianças negras. Esse tipo de situação afeta negativamente o desenvolvimento da personalidade, identidade e autoconceito dessas crianças, podendo resultar em baixa autoestima e insucesso escolar (Moreira, 2020).

O racismo precisa ser enfrentado através da interdisciplinariedade, onde são utilizados análises e metodologias de uma mesma temática por várias disciplinas. Desse modo, tal assunto é discutido e trabalhado sob diversas perspectivas, em aulas diferenciadas. Assim como em todas as aulas, também é possível enfrentar o racismo nas aulas de educação física, pois é onde mais acontecem episódios de racismo. Porém, esses episódios podem ser eliminados se o profissional de Educação Física buscar estratégias e colocá-las em prática, pois essa disciplina possui um currículo multicultural onde o aluno tem a oportunidade de se conscientizar sobre as relações e as manifestações da cultura corporal de cada um. Como Neira (2007) afirma, é dessa maneira que constatamos que a educação física proporciona ao aluno a oportunidade de buscar compreender situações de racismo e questioná-las.

Nas aulas de educação física ocorrem muitas situações de desrespeito, e os alunos acabam muitas vezes se xingando e praticando atos racistas. Como Bozi et al, (2008) afirmam que é nas aulas de educação física que o preconceito é visto claramente, especificamente quando as atividades são desenvolvidas por meio de contato físico que necessitam ser realizadas em conjunto. Nesse contexto, cabe ao professor parar a aula e fazer a intervenção, levando o aluno à uma reflexão para que reconheça a gravidade de seu ato, e somente prosseguir a aula quando houver esse entendimento e haver respeito mútuo. De

acordo com Mourão, Melo e Magalhães Neto (2020), a educação física é uma disciplina que os alunos costumam gostar muito, pois se faz uso de metodologias atrativas, como jogos e brincadeiras. Sendo assim, é essencial que o educador realize essas paradas nas aulas, pois fazem efeito, já que a maioria dos alunos gostam de participar das aulas e de se envolver nas atividades.

Desse modo, é importante que os educadores façam com que as práticas antirracistas sejam incorporadas nas aulas, como por exemplo por meio da Capoeira, jogos, brincadeiras de matrizes africanas, entre vários outros conteúdos. Os profissionais de educação devem ser antirracistas em seu exercício profissional e compreender sua responsabilidade diante desse problema. Eles têm a missão de ensinar as crianças, jovens e adolescentes a respeitar as diversidades e a ver o mundo com outras perspectivas. A formação específica e adequada do professor para lidar com a diversidade étnico-racial é de suma importância para promover a inclusão e combater a exclusão racial no ambiente escolar (Santos, 2007).

A preparação e formação dos professores são essenciais para enfrentar diversas situações em sala de aula e combater o racismo nas escolas. A existência de práticas pedagógicas antirracistas é uma maneira efetiva de criar um ambiente de respeito e inclusão. Reconstruir a representação dos negros nos contos brasileiros, por exemplo, é uma abordagem que pode gerar impacto positivo. Negrão (1987) destaca a importância de apresentar a figura da pessoa negra de forma positiva na literatura e nos livros didáticos para que as crianças negras se sintam representadas e assumam um papel ativo no processo de comunicação.

Pesquisas mostram que a representação social dos povos negros nos materiais didáticos das escolas ainda é escassa, reforçando estereótipos e a desvalorização dessas culturas. Castilho (2004) afirma que tais situações comprometem a formação tanto das crianças negras como das brancas. A educação antirracista é uma abordagem comprometida com o combate ao racismo e práticas discriminatórias, motivadas pela pertença racial, e é fundamental para promover uma sociedade mais justa e igualitária (Tolentino, 2018).

A escola tem um papel significativo no combate ao racismo. Promover palestras, rodas de conversa e debates sobre a diversidade étnico-racial são

formas eficazes de conscientizar os estudantes sobre a importância do respeito mútuo e do combate ao preconceito. A gestão escolar e os professores devem trabalhar em conjunto para criar um ambiente livre de discriminação e racismo. A formação contínua dos educadores é essencial para garantir que a educação antirracista seja efetivamente implementada e transforme a realidade das escolas (Gonçalves; Júnior, 2014).

O combate ao racismo é uma luta diária, que demanda ações concretas e consistentes. É preciso ir além de projetos isolados ou eventos pontuais, incorporando práticas antirracistas em todas as atividades educacionais. A educação antirracista deve ser uma pauta da sociedade brasileira como um todo. Através da educação, é possível construir seres humanos mais empáticos, conscientes e comprometidos com a justiça social (Freire, 2000).

Em conclusão, enfrentar o racismo na escola requer compromisso, sensibilização e formação contínua dos educadores. A construção de uma educação antirracista e inclusiva é um processo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A educação tem o poder de mudar mentes e atitudes, possibilitando a superação do preconceito e a promoção da diversidade. É por meio do conhecimento e da ação que poderemos construir um futuro mais igualitário e respeitoso com todas as diferenças.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é caracterizada como abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2017), a abordagem qualitativa busca compreender e interpretar o significado dos fenômenos sociais, culturais e humanos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos.

3.2 NÍVEL DE PESQUISA DESCRITIVA

A pesquisa é do tipo descritiva. Segundo Gil (2018), a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de um determinado fenômeno, sem preocupação em estabelecer relações de causa e efeito.

3.3 PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa-ação é a estratégia metodológica adotada neste estudo. Segundo Thiollent (2017), a pesquisa-ação é um processo que envolve ação e reflexão, com o objetivo de transformar a realidade em que os sujeitos estão

inseridos. É uma abordagem participativa, que envolve a colaboração dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o Diário de Campo. Segundo Bogdan e Biklen (2016), o diário de campo é um registro sistemático e detalhado das observações feitas pelo pesquisador durante a pesquisa. É uma ferramenta importante para o registro das impressões e reflexões que surgem durante o processo de pesquisa.

3.5 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo desta pesquisa foram os 68 alunos do 6º ano de uma escola de ensino municipal. Essa escolha se justifica pelo fato de que essa faixa etária é considerada crítica para a construção do conhecimento, e a pesquisa pode contribuir para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem.

3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica de análise de dados qualitativos que consiste em identificar e interpretar os significados presentes em um conjunto de dados textuais, visuais ou audiovisuais. Esta técnica foi proposta por Laurence Bardin (2011) e é amplamente utilizada nas ciências sociais e humanas. Ela permite uma abordagem sistemática e rigorosa dos dados qualitativos, possibilitando a identificação de padrões e tendências presentes nos discursos dos sujeitos da pesquisa.

A análise de conteúdo foi realizada seguindo os seguintes passos metodológicos:

3.6.1 Pré-análise: Foi realizada uma leitura exploratória do material coletado, buscando identificar os temas, os núcleos de sentido e as possíveis categorias de análise. Essa etapa foi embasada nas orientações de Bardin (2011) e permitiu a construção de um quadro de referência teórico-conceitual que orientou a análise.

3.6.2 Exploração do material: Os dados foram organizados em unidades de registro, que podem ser palavras, frases, parágrafos ou capítulos, e foram codificados de acordo com as categorias de análise previamente estabelecidas. Nesta etapa, foi possível utilizar softwares de análise de dados

qualitativos para auxiliar no processo de codificação e análise. A utilização de software, como o NVivo ou o MAXQDA, facilitou a organização e o tratamento dos dados, conforme as orientações de Bardin (2011).

3.6.3 Tratamento dos resultados: As unidades de registro foram agrupadas em categorias, que foram interpretadas e analisadas à luz do quadro teórico-conceitual elaborado na pré-análise. Esta etapa envolveu a identificação de padrões, tendências e contradições presentes nos dados, bem como a interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa aos fenômenos investigados. A análise foi realizada com base nas orientações de Bardin (2011), permitindo uma interpretação profunda e significativa dos dados coletados.

4. FASES DA INTERVENÇÃO

Identificação do problema: Foi realizada uma roda conversa com os alunos do 6º ano para identificar a percepção deles sobre o racismo. Essa atividade foi embasada na abordagem participativa de pesquisa de Thiollent (2017). Durante a roda de conversa, foram discutidos temas como experiências pessoais, conhecimentos prévios sobre o racismo e percepções sobre as desigualdades raciais. Essa fase permitiu obter insights e direcionar as ações subsequentes.

Coleta de dados: Foi utilizado o diário de campo para registrar a compreensão dos alunos sobre o racismo. O diário de campo foi preenchido pelo pesquisador durante a realização das atividades propostas, registrando observações, reflexões e impressões relevantes. Essa técnica está embasada no diário de campo de Minayo (2017).

Análise dos dados: A análise de conteúdo dos dados coletados foram realizadas, identificando padrões, tendências e relações entre as informações. Essa etapa permitiu compreender as percepções dos alunos sobre o racismo, as experiências vivenciadas e as reflexões compartilhadas. A análise de conteúdo foi embasada nas orientações de Bardin (2011) e contribuiu para uma interpretação aprofundada dos dados.

Planejamento da ação: Com base nos resultados da análise dos dados, foram definidas as ações de práticas antirracistas que foram desenvolvidas em sala de aula. Esse planejamento foi participativo, envolveu tanto os alunos

quanto os professores e demais membros da equipe escolar. Foram discutidos temas como conscientização sobre o racismo, valorização da diversidade e promoção da igualdade. O planejamento participativo foi embasado na abordagem de Thiollent (2017).

Implementação da ação: Foram realizadas as práticas antirracistas definidas no planejamento, que incluíram palestras, rodas de conversa, atividades artísticas, exibição de vídeos e outras estratégias pedagógicas. Durante a implementação, foi feito o registro das observações e reflexões no diário de campo. Essa etapa foi embasada nas abordagens participativas de pesquisa de Thiollent (2017) e Gadotti (2012), buscando promover a participação ativa dos alunos e estimular o diálogo sobre o racismo.

Avaliação da ação: Foi realizada uma nova roda de conversa com os alunos para avaliar os resultados das práticas antirracistas desenvolvidas em sala de aula. Nessa avaliação, foram discutidos aspectos como aprendizados, impactos percebidos e sugestões de melhorias. A avaliação participativa foi embasada na abordagem de Thiollent (2017), promovendo a participação ativa dos alunos na reflexão sobre as ações desenvolvidas.

Reflexão crítica: Foi realizada uma reflexão crítica sobre todo o processo de pesquisa-ação, buscando identificar pontos positivos, desafios enfrentados e aprendizados que podem ser aplicados em futuras iniciativas. Essa reflexão foi embasada na abordagem de Freire (2019), estimulando a análise e a crítica sobre as práticas antirracistas e o papel da educação na promoção da igualdade e do combate ao racismo.

5. DESCRIÇÃO DAS AÇÕES DA INTERVENÇÃO

No dia 5 de junho de 2023, às 15:55, foi realizado um teste de avaliação da pesquisa em uma turma do 6º ano, com o objetivo de analisar a metodologia de aplicação. Por meio dessa avaliação, foram identificadas falhas e realizadas melhorias na metodologia.

Em 16 de junho de 2023, foi realizada a primeira fase da intervenção na escola. Chegou-se à escola às 9:30 para organizar os recursos necessários, como materiais para palestras e rodas de conversa. O diário de campo foi utilizado para coletar os dados, registrar as observações e reflexões durante a pesquisa. Iniciou-se a atividade às 10:25, com novas turma do 6º ano.

Inicialmente, foi realizada uma roda de conversa com o objetivo de identificar a percepção da turma sobre o racismo. Os alunos foram questionados sobre seus conhecimentos prévios e experiências pessoais relacionadas ao tema. Foram discutidos conceitos, impactos sociais e formas de manifestação do racismo. A participação ativa dos alunos foi incentivada, e suas contribuições foram valorizadas.

Após a roda de conversa, foi realizada uma palestra sobre o racismo. Essa palestra teve como objetivo apresentar conceitos e reflexões sobre o assunto, além de explicar sua origem, formas de manifestação e impactos na sociedade. Durante a explanação, os alunos puderam compartilhar suas opiniões e contribuições, promovendo o diálogo e o debate sobre o tema.

Ao final da palestra, foi exibido um vídeo ilustrativo que demonstrava a gravidade e a injustiça do racismo. A utilização de recursos audiovisuais, como o vídeo, é uma estratégia pedagógica que contribui para o processo de ensino-aprendizagem, estimulando a percepção visual e auditiva dos participantes (Silveira e Carvalho, 2020). Essa atividade teve como objetivo sensibilizar os alunos e aprofundar sua compreensão sobre o racismo.

Para promover a valorização da cultura africana e destacar suas contribuições para o Brasil, foi realizada uma roda de conversa sobre a influência dos povos africanos na cultura brasileira. Essa roda de conversa foi seguida da exibição de um vídeo que reforçava essa ideia, demonstrando a influência da cultura africana no Brasil por meio de exemplos como danças, músicas, religiões e culinárias. A participação ativa dos alunos foi estimulada, e suas contribuições foram valorizadas.

Durante a roda de conversa, foram discutidos e compartilhados conhecimentos sobre a história e as tradições da África, bem como sobre a influência dessas tradições na cultura brasileira. A valorização da diversidade cultural e a desconstrução de estereótipos foram temas abordados. Essa atividade teve como objetivo promover a reflexão crítica sobre a história e a identidade cultural do Brasil, contribuindo para o combate ao racismo e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além das rodas de conversa e palestras, foi desenvolvido um jogo da trilha, que possibilitou aos alunos expressarem suas próprias visões sobre o racismo. O jogo consistiu em um percurso em que os alunos jogavam um dado

e avançavam ou retrocediam de acordo com a numeração, respondendo perguntas sobre o tema quando caíam em um ponto de interrogação. O jogo foi uma atividade lúdica e divertida que estimulou a participação ativa dos alunos, promovendo a reflexão e o aprendizado sobre o racismo. Segundo Kishimoto (2003), os jogos são uma importante ferramenta para a aprendizagem, pois permitem a construção de conhecimentos de forma lúdica e prazerosa. Ao utilizar o jogo como estratégia pedagógica, busca-se estimular a criatividade e a participação ativa dos alunos, bem como promover a reflexão crítica sobre temas importantes, como o racismo.

Ao longo da intervenção, foi possível observar a compreensão e o engajamento dos alunos nas discussões e atividades propostas. Suas contribuições e reflexões foram registradas no diário de campo, enriquecendo os dados coletados para a análise.

Em 17 de junho de 2023, foi realizada a segunda fase da intervenção, onde foi realizada uma nova roda de conversa com os alunos para avaliar os resultados das práticas antirracistas desenvolvidas em sala de aula. Nessa avaliação, foram discutidos aspectos como aprendizados, mudanças de percepção e sugestões de melhorias para futuras iniciativas.

Para concluir as atividades foi exibido um vídeo de personagens negros de renome que apesar das dificuldades conseguiram superar todas elas e se ter um lugar de destaque na sociedade, em seguida realizamos a construção de um mural com diversos outros personagens negros que fizeram e fazem a diferença.

Após a conclusão das atividades, foi realizada uma reflexão crítica sobre todo o processo de pesquisa-ação, considerando os pontos positivos, os desafios enfrentados e os aprendizados adquiridos. Essa reflexão crítica contribuiu para o aprimoramento das práticas antirracistas e para a compreensão do papel da educação na promoção da igualdade e do combate ao racismo.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro momento da oficina foi proposto que os estudantes conceituassem o termo racismo, com a finalidade de buscar saber a compreensão que os mesmos têm acerca da problemática. No quadro 01 a seguir, estão algumas respostas que são consideradas racismo pelos alunos:

Quadro 1 - Compreensão sobre racismo.

COMPREENSÃO DE RACISMO CITADOS POR ALUNOS
Aluno A: Racismo pra mim é quando a pessoa chama a gente de preto e de macaco.
Aluno B: Racismo é quando alguém chama o outro de preto, fala mal da cor da pessoa.
Aluno C: É quando a pessoa é morena e o outro chama ela de negra.
Aluno D: O racismo não acontece só por causa da cor, mas também quando uma pessoa julga e se sente superior a outra, sem pensar o que o outro vai sentir.
Aluno E: Racismo é quando uma pessoa julga o outro pelo tom da Cor.
Aluno F: Racismo é quando alguém fica apelidando a outra pessoa de preto.
Aluno G: É quando alguém chama o outro de preto, de macaco, de guariba.

Elaborado pelos autores

Nesse sentido, com as informações fornecidas pelos alunos sobre a compreensão do racismo, foi possível aplicar a técnica de análise de conteúdo de Bardin para identificar padrões e categorias presentes nas respostas. Foi realizado a pré-análise, em seguida foi possível explorar o material e tratar os resultados obtidos. Na Pré-Análise, foi feita uma leitura atenta das respostas dos alunos e destacado os trechos relevantes que abordam as diferentes percepções de racismo.

Na Exploração do Material, pautado na pré-análise, foi possível identificar as seguintes unidades de registro relacionadas à compreensão do racismo:

1. Chamar alguém de preto, macaco, guariba ou fazer apelidos ofensivos, 2. Falar mal da cor da pessoa, julgar com base no tom de pele, 3. Chamar alguém de negro(a) ou moreno(a), 4. Julgar e sentir-se superior a outra pessoa, sem considerar os sentimentos do outro.

Tratamento dos Resultados:

A partir das unidades de registro, foi possível agrupá-las em categorias mais amplas:

1. Ofensas e apelidos racistas, 2. Julgamento com base na cor da pele, 3. Chamar alguém de negro(a) ou moreno(a), 4. Superioridade e falta de consideração pelos sentimentos do outro.

Essas categorias nos permitem ter uma visão geral das percepções dos alunos em relação ao racismo. Podemos observar que as respostas abrangem diferentes aspectos, desde ofensas diretas até julgamentos sutis com base na

cor da pele. Além disso, alguns alunos destacaram a importância de considerar os sentimentos do outro e evitar a superioridade racial.

De acordo com a diagnose feita antes das fases de intervenção percebeu-se que todos os 68 alunos que participaram da pesquisa tinham consciência do que era e do que se tratava o racismo, isso se comprovou nas respostas dos estudantes. Porém observou-se que as respostas dos alunos estavam sempre voltadas aos termos “preto”, “negro”, e que durante os primeiros momentos da oficina os estudantes se sentiam desconfortáveis para pronunciarem os termos, e acabavam substituindo-os por “a pessoa morena”, tanto que durante uma roda de conversa uma aluna ao relatar um acontecimento interrompeu para perguntar se ela poderia usar os termos. Então tivemos um breve diálogo sobre isso e reeducamos as expressões que eram utilizadas por muitos deles.

Percebe-se a necessidade de dialogar e esclarecer alguns pontos. Sabemos que essas nomenclaturas não são erradas, mas frequentemente são proferidas de maneira agressiva e intencional. De acordo com o autor Wedderburn (2007), a representação do racismo pode ocorrer por meio de ações violentas, agressivas e egoístas, que têm como objetivo demonstrar superioridade ou até mesmo manter a dominação de uma classe sobre a outra.

Analisou-se também que, em diversos momentos, as crianças negras sentiam-se desconfortáveis quando as palavras 'negros e negras' eram mencionadas. Isso ocorria devido à falta de conhecimento e à escassez de ações que estimulassem as crianças a se orgulharem de sua própria identidade racial, o que fazia com que interpretassem essas palavras como ofensivas.

Apesar de os alunos terem consciência do racismo, ao indagarmos sobre práticas antirracistas, notou-se que não possuíam nenhum conhecimento a respeito. Percebeu-se que apresentavam um conhecimento muito inferior ao esperado, o que pode ser explicado pela falta de ênfase na abordagem dessa problemática em muitas escolas, mesmo com a existência da lei 10.639/03. Segundo Aldenora Conceição (2014), há um corpo docente nas escolas que não está comprometido com a educação antirracista. Em sua pesquisa, a autora relata a seguinte frase de uma educadora: 'Dentro da minha sala, faço o que considero importante, e não é minha obrigação tratar do racismo, pois isso não tem nada a ver com a escola.' (J.M).

Diante disso podemos comprovar que existem profissionais da educação que não estão engajados nessa luta e isso é extremamente preocupante, pois esse descaso, intolerância e desinteresse que muitas vezes fazem esses profissionais ignorarem casos de racismo em suas aulas, se tornam mais uma barreira no combate a esse câncer que está enraizado na sociedade.

Após a palestra sobre as práticas antirracistas foi possível observar que os estudantes conseguiram absorver esse conhecimento, pois na roda de conversa indagamos quais práticas antirracistas poderiam ser adotadas pela escola no combate ao racismo e nos surpreendemos com as respostas. No quadro 02, consta algumas respostas mais relevantes dentre as 68 respondidas.

Quadro 2 - Práticas antirracistas que deveriam ser adotadas.

PRÁTICAS ANTIRRACISTAS QUE DEVERIAM SER ADOTADAS PELA ESCOLA NO COMBATE AO RACISMO, NA VISÃO DOS ALUNOS PARTICIPANTES
Aluno A: Palestras, Aulas
Aluno B: Oficinas e Projetos
Aluno C: Conscientizando outros colegas
Aluno D: Denunciar à direção quando presenciar um colega sofrer racismo
Aluno E: Livros com personagens negros sendo os principais e livros com histórias sobre respeitar as diferenças.

Elaborado pelos autores

Na análise do quadro 02, ao aplicar a técnica de análise de conteúdo para identificar as principais práticas antirracistas sugeridas pelos alunos participantes, de acordo com suas visões, foi possível realizar as fases abaixo.

Na Pré-Análise, foi realizada a leitura das respostas dos alunos e foi destacado os trechos relevantes que mencionam as práticas antirracistas que eles consideram importantes para serem adotadas pela escola.

Nesse prumo na fase de exploração do material, pautado na pré-análise, podemos identificar as seguintes unidades de registro relacionadas às práticas antirracistas sugeridas pelos alunos: 1. Palestras e aulas, 2. Oficinas e projetos, 3. Conscientização de outros colegas, 4. Denunciar à direção quando presenciar racismo, 5. Inclusão de livros com personagens negros como protagonistas e histórias que promovam o respeito às diferenças.

Tratamento dos Resultados: A partir das unidades de registro, podemos agrupá-las em categorias mais amplas: 1. Atividades educativas formais: palestras e aulas, 2. Atividades práticas e participativas: oficinas e projetos, 3.

Conscientização e engajamento coletivo: conscientizar outros colegas, 4. Medidas de proteção e ação: denunciar à direção quando presenciar racismo, 5. Representatividade e inclusão: inclusão de livros com personagens negros e histórias sobre respeito às diferenças.

Essas categorias nos fornecem uma visão geral das práticas antirracistas sugeridas pelos alunos. Podemos observar que eles enfatizam a importância de atividades educativas, conscientização coletiva e medidas de proteção e ação para combater o racismo na escola. Além disso, eles destacam a necessidade de representatividade e inclusão por meio da literatura.

Essa observação nos permite identificar as principais práticas antirracistas que os alunos consideram relevantes para serem adotadas pela escola. Essas sugestões podem servir de base para a implementação de ações concretas no combate ao racismo e promoção da igualdade racial no ambiente escolar.

Notamos que várias foram as sugestões que os alunos tiveram, e que as mesmas foram comprovações de que houve uma compreensão do que são as práticas antirracistas.

Atráves dessa experiência foi possível refletir sobre a importância de ações pedagógicas que realmente causem efeito, trazendo o debate sobre as questões raciais, mas que não se revelem apenas por meio de falas, e sim ultrapassem suas ações, pensamentos e comportamentos . Vale ressaltar que para que isso aconteça, essas ações devem ser aplicadas no cotidiano e não somente em datas cívicas.

Na realização da roda de conversa sobre a África, foi possível identificar que os alunos tinham uma visão bastante negativa do continente africano, no quadro 03 a seguir estão algumas respostas obtidas ao indagarmos o que sabiam sobre a África.

Quadro 3 – Algumas visões dos alunos sobre a África.

VISÕES DOS ALUNOS SOBRE A ÁFRICA
Aluno A: É um lugar cheio de pessoas bem negras
Aluno B: Lá na Africa existe muitos pobres, que passavam muita fome
Aluno C: Na Africa a fome é tanta que comem barro
Aluno D: Na África as crianças morrem por não ter o que comer.
Aluno E: Lá é cheio de pessoas pobres e negras que passam muita fome.
Aluno F: Na África é só sofrimento, fome e tristeza.

Aluno G: Eu que não queria morar lá na África.
Aluno H: Ainda bem que não nasci na África, lá morrem de fome sem ter o que comer
Aluno I: Necessidade é tanta que as pessoas são só pele e osso.
Aluno J: Eu assisto na televisão e vejo que é um povo que passa muita necessidade.

Elaborado pelos autores

Ao analisar as visões dos alunos sobre a África, foi importante destacar que essas percepções poderiam refletir estereótipos e generalizações que não representavam a realidade diversa e complexa do continente. Fizemos a aplicação da técnica de análise de conteúdo para identificar os principais elementos presentes nas visões dos alunos.

Na fase da Pré-Análise, fizemos uma leitura atenta das respostas dos alunos e destacamos os trechos relevantes que mencionavam as visões sobre a África, como mostra o quadro 03.

Na fase da exploração do material, que foi baseada na pré-análise, pudemos identificar as seguintes unidades de registro relacionadas às visões dos alunos sobre a África:

1. Pessoas negras, 2. Pobreza e fome, 3. Consumo de barro por falta de alimentos, 4. Mortes devido à falta de comida, 5. Percepção de sofrimento, tristeza e necessidade extrema.

Na fase do Tratamento dos Resultados, a partir das unidades de registro, pudemos agrupá-las em categorias mais amplas:

1. Percepção racial: pessoas negras, 2. Condições socioeconômicas: pobreza, fome e necessidade extrema, 3. Consequências extremas: consumo de barro e mortes por falta de comida, 4. Percepção emocional: sofrimento e tristeza.

Essas categorias nos forneceram uma visão geral das visões dos alunos sobre a África. No entanto, é importante ressaltar que essas visões eram baseadas em estereótipos e generalizações, não refletindo a diversidade cultural, econômica e social do continente africano.

Foi fundamental promover uma educação antirracista e combater estereótipos negativos, incentivando os alunos a conhecerem a África em sua plenitude, abordando sua história, cultura, desenvolvimento e potencialidades. Isso poderia ajudar a desconstruir visões estereotipadas e a promover uma

compreensão mais ampla e precisa sobre o continente.

Ao exibirmos o vídeo sobre a África e suas riquezas, de acordo o quadro 04, os alunos puderam compreender que a África não possui apenas pontos negativos, e que existe uma grande influência da cultura africana na cultura brasileira tanto na culinária, nas danças, e até mesmo nos jogos e brincadeiras, as crianças ficaram surpresas em saber que muitos dos jogos e brincadeiras que praticavam eram de origem africana.

Segundo Macedo (2015) existe uma ausência da valorização da cultura africana e afro brasileira nos ambientes educacionais. Por isso, é importante que as escolas estejam atentas a trabalhar a cultura africana, sempre valorizando e ensinando a história, e sua influência, pois o aluno reconhece a importância dessa cultura igualmente às demais, desfazendo assim todo o preconceito.

Quadro 04 - Opiniões dos alunos referente ao video

Aluno A: Eu não tinha o conhecimento que muitos desses jogos eram de origem africana.
Aluno B: Achava que era só pobreza nesse País, mas até que existem muitas riquezas lá.
Aluno C: Nunca estudei sobre a origem das brincadeiras, agora sei que muitas são de origem africana
Aluno D: Assistindo o vídeo entendi que a África teve uma influência grande para o Brasil
Aluno E: Interessante saber que até na nossa culinária a África teve sua influência

Elaborado pelos autores

Com o jogo desenvolvido na oficina observamos que as palestras e rodas de conversa tiveram excelentes resultados pois os alunos souberam responder corretamente as perguntas feitas durante o jogo, conforme o quadro 05. Desse modo vemos que trabalhar com as práticas antirracistas nas escolas são essenciais e dão resultado.

Quadro 05 - Principais comportamentos observados

Aluno A: Entendimento acerca dos assuntos abordados
Aluno B: Compreensão das Práticas antirracistas
Aluno C: Compreendeu a influência e contribuições da África na cultura brasileira.
Aluno D: Ausência do desconforto em falar o termo “preto” que inicialmente era visível
Aluno E: Convicção em todas as suas respostas

Elaborado pelos autores

Na Pré-análise foi familiarizado com os dados fornecidos e identificado as unidades de registro relevantes. Abaixo estão as Unidades de Registro:

- Aluno A: Entendimento acerca dos assuntos abordados; Aluno B: Compreensão das práticas antirracistas; Aluno C: Compreendeu a influência e contribuições da África na cultura brasileira; Aluno D: Ausência do desconforto em falar o termo "preto" que inicialmente era visível; - Aluno E: Convicção em todas as suas respostas

Na Exploração do material, foi possível reler as informações fornecidas e destacar as categorias ou temas emergentes relacionados às unidades de registro. Na Categorias emergentes, foi possível definir: Entendimento dos assuntos abordados; Compreensão das práticas antirracistas; Reconhecimento da influência da África na cultura brasileira; Ausência de desconforto em falar o termo "preto"; Convicção nas respostas.

Na Codificação, foi possível atribuir um código a cada unidade de registro com base nas categorias identificadas. Após a Tabulação, foram organizadas as unidades de registro codificadas e foi inferidas informações relevantes com base nas categorias. As Inferências e interpretações: O Aluno A demonstrou um entendimento satisfatório dos assuntos abordados no jogo sobre racismo. O Aluno B apresentou uma compreensão adequada das práticas antirracistas discutidas. O Aluno C demonstrou compreensão sobre a influência e contribuições da África na cultura brasileira. No início, o Aluno D não demonstrou desconforto em falar o termo "preto", o que pode indicar uma falta de sensibilidade ou consciência inicial em relação ao tema. O Aluno E mostrou convicção em todas as suas respostas, sugerindo um alto grau de confiança e segurança nas suas percepções e conhecimentos sobre o assunto.

Em um contexto educacional, a análise dos comportamentos dos alunos em relação ao jogo sobre racismo e práticas antirracistas fornece insights valiosos para aprimorar a abordagem pedagógica. A conclusão é que o Aluno A demonstrou um bom entendimento dos assuntos abordados, o Aluno B apresentou uma compreensão adequada das práticas antirracistas, e o Aluno C revelou compreensão sobre a influência da África na cultura brasileira. Esses resultados indicam que a estratégia de ensino utilizada foi eficaz em transmitir

conhecimento e promover a conscientização sobre o tema do racismo.

No entanto, é importante destacar que o Aluno D não demonstrou inicialmente desconforto em falar o termo "preto", o que pode indicar uma falta de sensibilidade ou consciência inicial em relação ao tema. Essa observação ressalta a necessidade de abordar questões sensíveis como o racismo de forma cuidadosa e inclusiva, fornecendo um ambiente de aprendizado seguro e propício para discussões abertas e reflexões críticas.

Por outro lado, o Aluno E mostrou convicção e segurança em suas respostas, refletindo um alto grau de conhecimento e confiança nas suas percepções sobre o assunto. Esse resultado ressalta a importância de promover a autoconfiança dos alunos ao abordar questões complexas como o racismo, encorajando-os a expressar suas opiniões e se envolver ativamente nas discussões.

Utilizando essas conclusões no contexto educacional, os educadores podem reforçar estratégias que promovam o entendimento, a compreensão e a conscientização sobre o racismo, bem como criar espaços seguros para discussões sensíveis. Além disso, é fundamental incentivar a confiança dos alunos em suas próprias perspectivas e conhecimentos, estimulando o engajamento ativo e a participação construtiva nas aulas relacionadas ao tema.

Durante a oficina, propusemos a construção de um mural com imagens dessas personalidades e outras. Todos os alunos ajudaram a colar as imagens e houve até disputas para escolher quem colaria no mural algumas personalidades, como o Rei Pelé. Essas imagens são ferramentas importantes na luta antirracista dentro do ambiente escolar, rompendo com estereótipos presentes em murais educacionais.

No momento em que mostramos aos alunos o vídeo com personalidades negras conhecidas que enfrentaram o racismo e superaram adversidades, percebemos que alguns alunos negros se sentiram felizes ao assistir. Isso ressalta a importância de práticas que coloquem o negro como protagonista na escola, evidenciando que a representatividade é fundamental para o processo de identificação racial. A representatividade, mais uma vez, mostra-se essencial no combate ao racismo.

Durante a roda de conversa sobre racismo, uma aluna relatou ter presenciado uma colega ser alvo de ofensas racistas, como "cabelo de cupim" e

"prezinha do gapó". Questionamos o professor sobre suas ações diante dessa situação, e a resposta foi que ele apenas pediu para o aluno parar de usar esses termos. Esse relato evidencia que alguns profissionais da educação não lidam de forma adequada com atos racistas, deixando de tomar medidas mais severas, como envolver a direção da escola ou chamar os responsáveis para um diálogo. Essa negligência contribui para a frequência desses atos, pois os alunos percebem que não serão punidos e continuam praticando o racismo. É importante ressaltar que tais atitudes e comportamentos não deveriam partir de um educador, como aponta a autora Cavalleiro (2000).

Além disso, muitas vezes os alunos não possuem conhecimento suficiente e uma compreensão complexa sobre o ato racista que cometem. Nesse sentido, cabe à instituição de ensino e aos professores buscar estratégias que permitam aos estudantes desenvolver um pensamento crítico diante dessas situações, transformando até mesmo os alunos que antes praticavam atos racistas em indivíduos que intervêm ao presenciar tais comportamentos. A formação dos profissionais de educação em letramento racial, conforme Gomes (2012), é necessária para que sejam sensíveis e reflexivos diante dessa problemática.

Quando uma escola busca qualidade de educação, é fundamental abordar as questões raciais. A experiência vivida reforça que a questão racial é fundamental na escola brasileira, e não haverá educação de qualidade enquanto o racismo estiver presente nas relações, nos materiais pedagógicos e na maneira de ensinar. Nesse sentido, a missão do professor vai além do compromisso pedagógico, sendo também um compromisso ético. A escola deve ser responsável pela construção e ampliação do conhecimento, incluindo representações positivas sobre o povo negro, promovendo a confiança das crianças negras em si mesmas.

Infelizmente, o racismo ainda persiste, mas é importante mantermos a esperança e lutarmos para combatê-lo. As instituições de ensino, gestores e professores devem se comprometer nessa luta, pois sabemos que as crianças que sofrem racismo têm um baixo desempenho escolar. É essencial que os profissionais de educação identifiquem o problema e busquem meios e estratégias para superá-lo. Atos racistas são perigosos e têm efeitos prejudiciais para as crianças, podendo afetar negativamente suas experiências escolares e

seu futuro, como aponta Cavalleiro (2000).

Portanto, se estivermos dispostos e engajados nessa luta, poderemos fazer a diferença, pois é por meio da educação que podemos combater o racismo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi descrever a experiência de implementação de práticas antirracistas com alunos do 6º ano. Inicialmente, observou-se que todos os alunos tinham compreensão do racismo, mas nenhum deles estava familiarizado com as práticas antirracistas. Em geral, consideramos que os objetivos da pesquisa foram alcançados, levando em conta observações feitas no decorrer da pesquisa, onde foi possível identificar mudanças de pensamentos e comportamentos, além disso entramos em contato com os professores das turmas que participaram do estudo, dias após a realização da pesquisa, e pelos relatos dos mesmos tivemos a certeza que as práticas antirracistas realizadas com os estudantes tiveram resultados significativos.

As atividades realizadas durante a oficina não apenas promoveram uma mudança no comportamento dos alunos, mas também proporcionaram uma nova perspectiva. Agora eles percebem o racismo como um problema social que precisa ser discutido e combatido por todos. Além disso, passaram a entender a importância de respeitar diferentes culturas e sua visão anterior sobre a África mudou completamente. Adquiriram conhecimento sobre as riquezas presentes no continente africano e as contribuições de seu povo para a cultura brasileira.

Por meio da oficina, conseguimos captar a atenção das crianças e fazê-las refletir sobre questões importantes, como o respeito à diversidade. Além disso, ampliou-se o conhecimento delas sobre a cultura africana, incluindo danças, culinária, jogos e até mesmo brincadeiras tradicionais. Os alunos ficaram surpresos ao descobrir que muitas das brincadeiras que eles praticam atualmente têm origem africana. Conseqüentemente, adquiriram uma compreensão da influência da cultura africana e suas contribuições para a cultura brasileira. É evidente que a educação pode capacitar os indivíduos a refletir e combater todas as formas de preconceito. A educação é uma ferramenta eficaz no combate ao racismo. No entanto, observações de campo revelaram que, apesar da existência de leis que exigem a inclusão da história e

cultura africanas e afro-brasileiras no currículo, esses temas nem sempre são abordados adequadamente nas escolas. A partir da experiência vivenciada, observou-se que a falta de conhecimento dos alunos sobre as práticas antirracistas pode ser atribuída ao fato de que essas práticas podem não estar incorporadas à rotina diária da escola.

Portanto, é necessário refletir sobre a necessidade de pesquisas para determinar se as instituições de ensino estão realmente cumprindo a lei. É crucial que esse cumprimento ocorra para combater efetivamente o racismo. Além disso, é de suma importância discutir o problema, intervir e conscientizar não apenas os alunos, mas também os próprios educadores. Muitas vezes, os alunos trazem para o ambiente escolar padrões de pensamento transmitidos de geração em geração, e os educadores podem ter crenças semelhantes. Portanto, as intervenções são essenciais para estimular a reflexão sobre seus comportamentos, atitudes e conceitos.

Vale ressaltar que os educadores precisam se engajar em discussões sobre o racismo e estar cientes de seus próprios preconceitos. No ambiente escolar, muitas situações de racismo são ignoradas, como foi demonstrado nessa experiência. Portanto, é de extrema importância ter profissionais nas instituições de ensino que não perpetuem ou apoiem indiretamente o preconceito e a discriminação. Na luta contra o racismo, são necessárias escolas e profissionais que enfrentem as injustiças cometidas contra a comunidade negra há séculos e realizem reflexões diárias, eliminando sentimentos de inferioridade e opressão associados a essa questão. É essencial que os profissionais estejam dispostos e comprometidos em formar cidadãos que respeitem a diversidade e busquem a igualdade. Em conclusão, a educação é uma ferramenta fundamental e eficaz no combate aos preconceitos, principalmente o racismo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2016.

BOZI, L. H. et al. Educação física escolar: principais formas de preconceito. **EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, n.117, fev. 2008.**
<http://www.efdeportes.com/efd117/educacao-fisica-escolar-principais-formas-de-preconceito.htm>

CASTILHO, Suely Dulce. **A Representação do Negro na literatura Brasileira**. Novas Perspectivas, v.7 n°01, 2004b.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CONCEIÇÃO, Aldenora de Macedo. **GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: A implementação da Lei 10.639/2003 na perspectiva da educação como direito.** Brasília (DF), 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Nov. 2018.

FARIAS, Alípio Magno Oliveira. **A educação das relações étnico-raciais: a experiência da escola estadual porto em João Pessoa/PB. 2014. 49f. Monografia** (Especialização em Fundamentos de Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9773>

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro.** São Paulo: Cortez Editora. 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2018.

GOMES, Nilma L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educ. Pesqui. Vol 29 nº1, São Paulo, Jan/Jun, 2003.

Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos, N. L. GOMES. Currículo sem Fronteiras, 12: 98-109, 2012

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2017.

MOURÃO, Nadia. MONTEIRO, Elias. NETO, Magalhães. **Rev. Psicol Saúde e Debate.** Jul., 2020:6(1): 119-135.

MOREIRA, **ensaios filóficos,** Volume XXI-Julho/2020

NEIRA, M. G. (2007). **A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da Educação Física.** Pensar a prática, 11(1), 81-89.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. A Discriminação Racial em Livros Didáticos e Infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 63, p. 86-87, nov. 1987.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do Cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros**. Cuiabá, EdUFMT, 2007. (Coleção Educação e Relações Raciais, 4).

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2017.

VICENTE, 2018. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/o-combate-ao-racismo-e-uma-luta-de-todos-entrevista-jose-vicente/>>

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história: da antiguidade à modernidade**. 2007. Disponível em: <http://www.ipeafro.org.br/10_afro_em_foco/index.htm>.